

Dos estudos críticos à análise do poema “A girafa”, de Sergio de Castro Pinto

José Antonio Santos de Oliveira (UNEAL)¹

Amanda Ramalho de Freitas Brito (UFPB)²

Resumo - A literatura é uma arte histórica, por evidenciar através do signo verbal e icônico o homem em sua dimensão humana e social, por isso necessária e relevante para a construção da identidade de um povo. Ela abrange diversas realidades socioeconômicas, acompanhando o homem no seu desenvolvimento, ao passo que reflete sobre suas vivências e perspectivas críticas de mundo. No seu âmago, encontra-se a poesia, este gênero tem se tornado cada vez mais inovador, precisando, então, ser analisado em seus engendramentos dialógicos, em que palavra e desenho icônico se atravessam metaforicamente para sugestão de um mundo poético. Por isso, a relevância da crítica literária contemporânea para auxiliar na discussão do texto poético em suas inovações estruturais e temáticas. Dessa forma, o presente artigo objetiva analisar o poema *A girafa*, do livro *Zôo Imaginário*, escrito pelo poeta paraibano Sergio de Castro Pinto. Discutindo a construção imagética por meio das metáforas trazidas pelo poeta, no qual se concatena a imagem da girafa a outros elementos, que aparentemente não estabelecem nenhum vínculo semântico, ou seja, o poeta catalisa efeitos por meio do processo analógico, inerente à poesia, evidenciando, portanto, particularidades estilísticas acompanhadas por reflexões sociais em suas letras. Nesse sentido, para feitura desse trabalho, utilizar-se-á as contribuições teóricas e críticas de Candido (1996) e Cyntião (2009).

Palavras-Chave: Poesia contemporânea. *Zôo Imaginário*. Crítica literária.

Abstract - Literature is a historical art, as it highlights the verbal and iconic sign of man in his human and social dimension, therefore necessary and relevant for the construction of the identity of a people. It covers diverse socioeconomic realities, accompanying man in his development, while reflecting on his experiences and critical perspectives on the world. At its core, there is poetry, this genre has become increasingly innovative, so it needs to be analyzed in its dialogical engenders, in which word and iconic design are crossed metaphorically to suggest a poetic world. Therefore, the relevance of contemporary literary criticism to assist in the discussion of the poetic text in its structural and thematic innovations. Thus, this article aims to analyze the poem *A girafa*, from the book *Zôo Imaginário*, written by the Paraíba poet Sergio de Castro Pinto. Discussing the imagery construction through the metaphors brought

¹ Discente de Letras da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). Membro do grupo de estudos em Literatura, Intersemiose e Cinema da Universidade Federal da Paraíba (GELIC/UFPB).

² Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Professora de Literaturas de Língua Portuguesa da UFPB.

by the poet, in which the image of the giraffe is concatenated with other elements, which apparently do not establish any semantic link, that is, the poet catalyzes effects through the analog process, inherent to poetry, evidencing therefore, stylistic particularities accompanied by social reflections in their lyrics. In this sense, to make this work, the theoretical and critical contributions of Candido (1996) and Cyntrão (2009) will be used.

Keywords: Contemporary poetry. Imaginary Zoo. Literary criticism.

Introdução

A crítica literária desempenha um papel imprescindível na formação de discentes em Letras de inúmeras universidades brasileiras, seu caráter investigativo proporciona aos graduandos um olhar crítico e analítico nas diversas literaturas brasileiras e estrangeiras, elemento que um leigo em estudos literários desconhece, visto que, o ensino básico mostra-se insuficiente para tornar o estudante um crítico consciente, aguçado e provido de habilidades, que contribuam para compreender ou criar perspectivas que se encontram nas entrelinhas da linguagem literária. Embora não devemos perder de vista a importância da crítica literária também no ensino básico, como instrumento para auxiliar o professor no processo de leitura e interpretação do texto literário.

Segundo Coutinho (1982, p. 416), “a crítica literária não é mais do que o conjunto de métodos e técnicas para o estudo e a interpretação do fenômeno literário”. De fato, ela tem a incumbência de auxiliar o crítico nos caminhos da análise e interpretação, pois sem sua ajuda, o pesquisador não irá dispor de informações valiosas para compreender o texto literário, isto é, não sairá da superficialidade da obra como qualquer outro leitor desatento. Além disso, acredita-se que a linguagem literária, por ser obra de arte peculiar, exige mais esforço e dedicação da pessoa que está analisando, do que textos objetivos, a exemplo de uma notícia de jornal ou textos publicitários, encontrados no mercado comercial.

A literatura, por sua vez, colabora direta ou indiretamente para sociedade, descreve contextos, critica realidades hipócritas instaladas nas vísceras de uma comunidade corrompida, fornece pensamentos autênticos, além de retirar pessoas da alienação. Em outras palavras, “A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas”. (CÂNDIDO, 1988, p. 175). Por isso a literatura deve ser cultivada não somente por estudantes de letras, mas por todos os

indivíduos. Afinal, a literatura ultrapassa o que é ensinado em diversas instituições, ela é a arte que se reproduz por meio da palavra escrita ou falada, luta em favor dos direitos das pessoas, a fim de colaborar com a transformação de inúmeras situações sociais.

Portanto, o processo literário caracteriza-se como algo que está diretamente ligado ao meio social, com a finalidade de recriar a realidade, embora não se distancie também da ficção, ou seja, a literatura pode e deve usar acontecimentos, situações, momentos históricos etc. A fim de que, com o estilo próprio dessa arte, possa representar o povo repleto de cultura viva e qualitativa. Por esse motivo, sabe-se que existem diversas formas de produzi-la, representá-la e disseminá-la, para que ela possa ser referenciada. Nesse sentido, ratifica Cândido:

Chamarei de literatura [...] todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis de produção de escrita das grandes civilizações. (CANDIDO, 1988, p. 174).

Com efeito, a sociedade abarca todos esses tipos de produções artísticas, essas criações revelam aspectos inerentes do povo, promovem o contato do sujeito com a arte, seja com obras populares, a exemplo do: pastoril, guerreiro e entre outros, seja com obras mais eruditas como: romances, crônicas e, sobretudo, poema.

Segundo Cândido (1996, p. 65), “A base de toda imagem, metáfora, alegoria ou símbolo é a analogia, isto é, a semelhança entre coisas diferentes”. Realmente, é essa semelhança que permite embelezar o texto poético, visto que esse recurso da poesia promove uma recriação expressiva de sentidos, e, portanto, a partir dessa linguagem, consegue estabelecer uma relação lógica no interior do poema. Assim sendo, pode-se dizer que a metáfora é essencial para esse gênero, pois se encontra no cerne da linguagem poética, cujo trabalho, é fazer com que a poesia produza efeitos estéticos profusos.

Por essa razão, esta pesquisa estudará a poesia contemporânea do poeta e professor universitário Sérgio de Castro Pinto, cuja escrita está atrelada às nuances criativas, conquistadas pela linguagem metafórica, ou melhor, Sérgio traz, em suas obras, um gosto especial pela linguagem concisa, ao mesmo tempo em que é enraizada em metáforas viscerais, que catalisam diversos efeitos poéticos. O poeta mencionado escreveu os livros: *Zôo*

Imaginário, O Cristal dos Verões, A Flor do Gol etc., além de ser saber notório em letras, mestre e doutor em letras também pela Universidade Federal da Paraíba.

Aspectos críticos da poesia

A poesia faz parte das criações humanas mais importantes, sabe-se da sua existência na Grécia com Homero a.c., além dos primeiros escritos críticos com Platão e Aristóteles, ainda hoje estudados e conceituados no mundo acadêmico, sobretudo, este último, que foi o primeiro a escrever livro crítico sobre a linguagem poética. Além disso, depreende-se que como toda arte, a poesia evoluiu, cresceu e se disseminou por diversos lugares. Inclusive, aqui, no Brasil.

Desde os períodos literários dos séculos passados, a poesia teve seu papel contributivo na história nacional, ou melhor, as escolas literárias deram suas contribuições e revelaram aspectos significativos por meio de suas respectivas escritas. No modernismo, por exemplo, observou-se uma maior liberdade nos versos e na construção de poesias, dando espaço para novas maneiras de expressar a arte, uma vez que houve um certo distanciamento das formas poéticas, até então, escritas nos períodos anteriores. Isso aconteceu, porque a poesia segue as mudanças da sociedade, tanto é, que seu ritmo revela elementos oportunos à estrutura social na qual está inserida.

Para Leite et. al. (2018, p. 5) “a poesia contemporânea é notadamente marcada pela ruptura das fronteiras entre gêneros, estéticas e éticas composicionais”. Por esse motivo, a poesia agregou mudanças relevantes na sua estrutura, acima de tudo no ritmo, na rima e em outras características importantes à sua elaboração, além do que, a poesia também conseguiu ampliar suas formas de transmissão artística, passeando entre outras linguagens, de modo a emergir concatenada às diversidades presentes na contemporaneidade. Desse modo, confirma Goldstein:

Na verdade, um sistema influencia o outro. Certas épocas são rígidas, impondo regras de composição aos escritores. Outras são menos rigorosas, permitindo ao escritor a liberdade de compor independentemente de regras. Encontramos grandes poetas tanto entre os que seguiram, quanto entre os que aboliram as regras. (GOLDSTEIN, 2006, p.10).

De fato, o período acompanha, influencia e contribui para o surgimento de poetas, cada um com seu estilo, mas independente da época ou das regras poéticas nas quais faziam parte, existiram escritores com tendências estilísticas/temáticas diversas, desde aqueles que fizeram seus poemas com uma métrica rigorosa para externar, mesmo que implicitamente, a rigidez do seu tempo à aqueles poetas mais modernos, que escreveram poemas com tendências artísticas informais, capazes de expor poeticamente a liberdade da sua geração. Entretanto, essa modernidade na escrita poética culminou numa maior dificuldade de interpretação, pois diferentemente do que inúmeras pessoas pensam, o ritmo livre, trazido pelas novas formas de poesia, exige maior esforço tanto para quem o analisa, quanto para quem tem o objetivo de escrever. Nesse contexto, explica Cândido (1996, p. 50) “A nossa poesia moderna conquistou o ritmo livre, e isto representa uma grande dificuldade, -tanto para o poeta, que perde o apoio dos números regulares, quanto para o estudioso, que não conta com os códigos da versificação tradicional”.

Por conseguinte, compreende-se que o crítico literário precisa inovar também seu olhar em relação à obra, a fim de que, não venha cometer o erro de condenar injustamente um poema que se utilize desse tipo de ritmo ou, até mesmo, julgue estruturas poéticas de modo errôneo. Afinal, “Cabe ao leitor ler, reler, analisar e interpretar. Ao analisar, é mais simples começar pelos aspectos mais palpáveis do poema, aqueles que saltam aos olhos - ou aos ouvidos.” (GOLDSTEIN,2006, p. 1). Isso implica na análise do ritmo, porque no processo de leitura de um poema é o primeiro a ser percebido, além disso, esse elemento poético pode transmitir informações valiosas sobre a intencionalidade e efeito que o poema quer provocar no leitor, posteriormente, o crítico deverá analisar como as palavras estão organizadas, qual efeito que aquela estrutura provoca ao ler.

Analisa-se, também, como os versos e estrofes do poema estão agrupados, se a forma representada diz alguma coisa a respeito do que está sendo tratado no texto, se a linguagem corresponde a norma padrão da língua portuguesa ou se o autor utiliza termos coloquiais. Como também, verifica-se os recursos estilísticos: metáfora, comparação, hipérbole, aliteração, assonância, antítese etc., pois estas auxiliam no desenvolvimento imagético e estético da poesia. Nesse contexto, “Todo verso tem assonâncias e aliterações que constituem a base da sua sonoridade, e que contribuem poderosamente para o seu efeito”. (CANDIDO,1996 p. 31). Enfim, esses elementos podem ser visualizados e analisados durante a leitura da poesia.

Ademais, não se pode esquecer dos sentidos implícitos do poema, que somente uma leitura exaustiva pode exaurir interpretações exitosas para o crítico literário. O analítico precisa adentrar no sentimento que se extrai do poema, isto é, necessita fazer com que a poesia seja raciocinada no momento da leitura, quando se sente o prazer estético pela obra. Por essa razão, argumenta Pinheiro & Nóbrega:

Sentir e pensar o poema são atitudes quase inseparáveis no ato da leitura. Ai, o gesto de analisar e de interpretar o poema fica mais delicado, porque já não é fácil separar o que, para nós, já está tão junto. Busquemos, então, sentir a poesia e pensar o poema ao mesmo tempo. Talvez agindo assim, possamos compreender que os sentidos que imaginamos entender tão rápido somente nos chegaram após uma operação muito demorada de convívio com o texto. (PINHEIRO & NOBREGA,2006, p. 136).

Seguindo esse raciocínio, o leitor/crítico tem mais probabilidade de desvendar os recônditos do texto poético, que está sendo analisado, de modo que sua leitura será consistente e proveitosa. Por isso, o estudioso não se deve restringir à leitura superficial da poesia, já que se trata de um gênero, de certo modo, complexo. Nesse sentido, depois do contato profundo com o poema, o receptor conseguirá conhecer e descobrir significados que, até então, eram desconhecidos no texto.

A girafa, de Sérgio de Castro Pinto

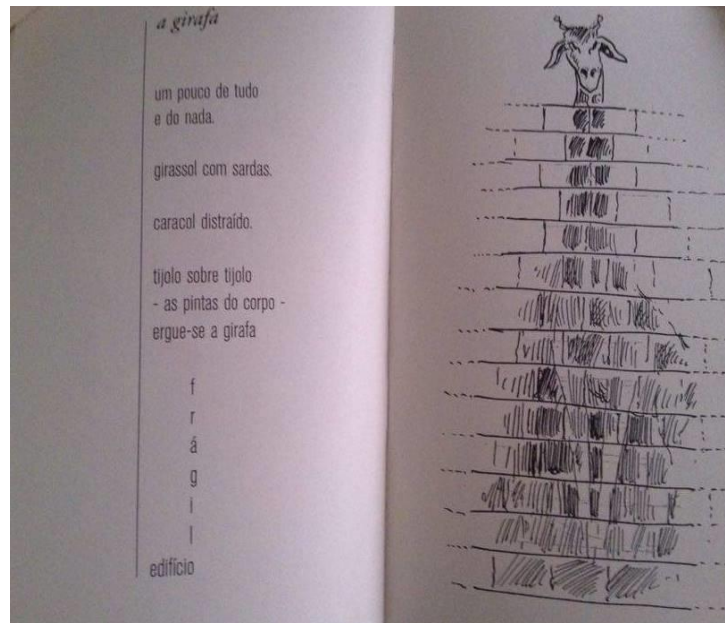


Figura 1: poema-imagem retirado do livro *Zôo Imaginário*

Analisar poesia não é tarefa fácil, sobretudo, como já mencionado anteriormente, quando se fala dos poemas contemporâneos, visto que existe uma certa ruptura na forma de escrevê-los. Tanto é que os poetas atuais estão cada vez mais ousados e experimentais na hora de colocar no papel seus escritos. Gerando assim, poemas desafiadores para os críticos literários.

Esse tipo de criação estética pode ser vista no poema *A girafa*, do poeta paraibano Sérgio de Castro Pinto. O autor se utiliza de um vocabulário singelo, apenas um verbo, sem rima, catorze versos livres, isto é: “não obedecem a nenhuma regra preestabelecida quanto ao metro, à posição das sílabas fortes, nem à presença ou regularidade de rimas”. (GOLDSTEIN, 2006, p.10). Essa liberdade na escrita colabora para o objetivo indispensável do ritmo no poema, pois o escritor, por meio do ritmo, leva o leitor à construção do corpo da girafa. De fato, a palavra “frágil”, esmiuçada em seis estrofes, contribui para que o ritmo lento crie a imagem do tamanho longo do pescoço do animal. Esse termo enfatizado também conversa com as outras comparações metafóricas elaboradas pelo poeta, afinal, tanto o girassol, quanto o caracol podem representar essa fragilidade frente aos seres humanos, o primeiro a ser arrancado/cortado pelo homem e o segundo, basta ser pisado para acabar com sua existência.

Além disso, junto a essas analogias, pode-se inferir que Sérgio problematiza como os animais mostram-se frágeis diante daqueles que anseiam apenas em construir, ter posses, por

isso percebe-se a construção do corpo da girafa de cabeça para baixo, divergindo, de certa forma, com o desenho de Flávio Tavares, já que mostra a girafa na posição habitual. Por outro lado, é interessante pensar como o processo de tradução ocorre do texto literário para a imagem criada, nela, pode-se visualizar proficuamente a analogia (girafa/edifício) produzida por Sérgio. Para Plaza (2003, p. 39) “Fazer tradução toca no que há de mais profundo na criação. Traduzir é pôr a nu o traduzido, tornar visível o concreto do original, virá-lo pelo avesso”. De fato, vê-se, de modo concreto, a ideia do poema transmutada para o outro símbolo, a partir de variações no sistema de transmissão da arte, mas que conotam o mesmo sentido, ou melhor, palavras e imagens se completam, possibilitando uma leitura mais apurada da obra como um todo.

Nesse sentido, o poema formado a partir de metáforas e antíteses, que permitem ora juntar as imagens dentro do poema, ora criar uma nova perspectiva dentro dele. O poeta se utiliza da girafa como a ponte para compor suas analogias, já que esse animal consegue se amalgamar aos outros elementos que são encontrados no texto, em alguns casos, mesmo tendo uma certa diferença, o poema consegue transmitir sua mensagem com total coerência por causa da girafa, que se assemelha aos outros seres e objetos percorridos nos versos. Dessa forma, explicita Candido:

Das categorias [...], a mais importante e frequente e a metáfora, que é um tipo especial de imagem. Ela se baseia na analogia, isto é, na possibilidade de estabelecer uma semelhança mental, e, portanto, uma relação subjetiva, entre objetos diferentes, abstraindo-se os elementos particulares para salientar o elemento geral, que assegura a correlação. (CÂNDIDO, 1966, p. 88).

Com efeito, o poema consegue estabelecer relação inerente entre a girafa e cada objeto, para exemplificar isso, basta observar o terceiro verso, quando o poeta diz *girassol com sardas*. Além da preciosidade na escrita, observa-se que a metáfora está em total congruência com a planta e o animal, uma vez que o girassol é uma planta alta e tem cores semelhantes às da girafa, essa planta também significa alegria, vitalidade, e isto é importante para compreender a antítese entre os elementos essenciais e acessórios da vida. Ademais, a ausência da conjunção possibilita um efeito estético mais impactante no leitor. Em seguida, a metáfora une dois seres que, aparentemente, não tem nenhum nexos por causa do tamanho desproporcional dos dois. Todavia, o poeta ao dizer: “caracol distraído”, relembra o leitor que

estes seres têm algo em comum sim. Partindo do ponto de vista da analogia, depreende-se que ambos são herbívoros, praticamente não emitem sons e possuem algo na cabeça. No caso do caracol, suas pequenas antenas e na girafa seus chifres. Outro fator importante observado nesse verso, é trazido por meio da palavra “distraído”, na qual, entende-se que essa distração acontece porque os animais não têm consciência da realidade que os afeta.

Na quarta estrofe, inicia-se a comparação da girafa com um edifício. Através da linguagem metafórica, o escritor assemelha as pintas do animal aos tijolos da construção civil. Outro detalhe importante, é que a quantidade de tijolos da imagem corresponde ao número de estrofes do poema, ou melhor, vê-se a construção da girafa na estrutura poética. Além disso, na imagem que acompanha o poema, observa-se que o corpo do animal faz parte do edifício, mas a cabeça não. Ou seja, revela que embora a girafa pareça com um prédio, ela não faz parte desse universo de construção que os seres humanos estão inseridos. Segundo Candido:

Se a metáfora, por exemplo, opera transfusões de sentido em virtude das correspondências misteriosas entre as palavras tornadas símbolos, e porque, muito mais do que enfeite apostro ao discurso, ela é um modo essencial de manifestação do espírito humano[...] E a sua operação semântica especial revela possibilidade de ver e de rever o universo. (1996, p. 93).

Dessa forma, as metáforas produzidas por Sérgio de Castro Pinto revelam sua percepção de mundo, exibindo poeticamente as disparidades entre as coisas simples da vida, por vezes, pequenas e insignificantes aos homens e aquilo, que os seres humanos almejam. Isso se solidifica, quando se pensa que as analogias são construídas a partir de seres vivos: plantas e animais e, mesmo assim, denotam essa fragilidade em relação às construções feitas pelas mãos humanas, em outras palavras, embora a própria girafa se assemelhe ao edifício, ela continua a ser ainda um *frágil edifício*. Nesse contexto, o poema *A girafa* possibilita uma visão diferenciada da realidade que cerca os indivíduos, concedendo-lhes a oportunidade de enxergar a vida e a sociedade com outros olhos.

Enfim, A visão de Pinto frente aos desafios da contemporaneidade pode ser vista nesse poema, ele mostra que o homem moderno tem tudo e ao mesmo tempo não tem nada, que os animais, embora alguns pareçam ser fortes são frágeis. E, no entanto, os sujeitos pensam em usufruir de construções como edifícios e outras coisas, esquecendo, conseqüentemente, dos animais, dos seres que tornam a vida mais construtiva, isto é, do que verdadeiramente é insubstituível.

Além do mais, Manuel Bandeira, no seu livro biográfico/crítico, dizia que a poesia pode ser encontrada tanto nos amores como nos chinelos e Sérgio de Castro Pinto foi leitor assíduo da literatura bandeiriana, discutindo sobre ela até mesmo na sua dissertação de mestrado. Nesse sentido, o poeta contemporâneo levou a sério as palavras de Bandeira, de modo a visualizar nos animais, o reduto de suas produções, isso quer dizer que a poesia contemporânea de Sérgio encontra a substância poética no humilde quotidiano dos animais.

Considerações finais

O estudo da crítica literária possibilita o aprofundamento da análise literária, seja da prosa ou poesia, auxiliando pesquisadores a partir de ferramentas específicas para compreender os elementos intrínsecos, que compõem *corpus* a serem estudados. Sua incumbência é atribuir um juízo de valor a obras, por meio de problematizações sistemáticas, de modo a construir um panorama sobre a atividade cultural/literária, produzida ao longo do tempo.

A poesia de Sérgio de Castro Pinto mostra uma singularidade e, de certo modo, a inovação no ato de compor sua poesia, até porque, é perceptível como sua sensibilidade poética é alcançada, uma vez que sua poesia permite amalgamar seres inimagináveis, cujo valor estético é ressaltado por meio dos seus poemas de maneira concreta. Inequivocamente, a forma que o poeta escreve e desenha é o que mais chama atenção na sua obra. Nesse contexto, afirma Cara (1985, p. 27), “[...] cada texto em poesia é sempre o primeiro e único na maneira como escolhe dizer aquilo que diz”, isso acontece no poema *A girafa*, no qual, por meio de metáforas, surge a criação de novas imagens expressivas pertinentes dessa linguagem. Além do mais, Sérgio escreve de modo singular, ou seja, nenhum outro poeta poderia elaborar e dizer a mesma coisa que ele.

O poema *A girafa*, por sua vez, demonstra a capacidade assertiva de Sérgio de Castro Pinto de concatenar aliteração, assonância e metáfora, de modo a compor, em sua obra, reflexos da sociedade de maneira singela, mas sem perder a densidade de suas palavras, já que suas metáforas construíram efeitos desejados, ao catalisar essências imagéticas.

Referências

- CANDIDO, A. **O estudo analítico do poema**. 3ª ed. São Paulo: Humanitas publicações, 1996.
- COUTINHO, A. **Crítica e teoria literária**. Rio de Janeiro: TB e fortaleza UFC, 1982
- GOLDSTEIN, N. **Verso, sons, Ritmos**. São Paulo: Ática, 2006.
- CARA, S. **A poesia lírica**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1985.
- LEITE, C. A. B; OLIVEIRA, L.D; RAMOS, M. J. “Introdução” In: LEITE, OLIVEIRA & RAMOS. (Org). **Poesia Contemporânea: Crítica e transdisciplinidade**. 1 ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2018. E-book. ISBN: 978-85-86678-23-3. Disponível em: <<http://abralic.org.br/downloads/e-books/e-book20.pdf>>. Acesso em: 01/11/2018.
- PINHEIRO, H; NÓRBREGA, M. **Literatura da crítica à sala de aula**. Campina Grande: Bagagem Ltda, 2006.
- PLAZA, J. **Tradução Intersemiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2003.